



VII ANNO

PORTO, 15 DE MAIO DE 1883

NUM. 4

## A PROTECTORA ECONOMICA

E' assim denominada a pequena bomba que hoje illustra o nosso quinzenario e que pode dizer-se sem receio é verdadeiramente uma machina *réclame*, não só pelo esmero com que é acabada, como pelas magnificas qualidades que reúne, tornando-a de grande utilidade para todos, tanto para uzos domesticos, como para o combate de incendios.

A enormissima quantidade que por anno, a casa G. A. Jauck construe nas suas enormes officinas de Leipzig, a qual excede annualmente o numero de duzentas, são affirmativas mais positivas de quanto possamos dizer em seu abono.

Para o nosso paiz tem já sido exportadas desesete d'estas machinas, não só para estabelecimentos, fabricas e recolhimentos, mas para muitas casas particulares e são ourtos tantos attestados ou diplomas que G. A. Jauck apresenta a abonarem esta machina.

O custo é tão diminuto, que está ao alcance de todos. E na verdade assim é, pois quem não quererá proteger os seus haveres, gastando a modica quantia de quarenta e cinco mil réis e de mais a mais com a vantagem de poderem aproveitar esta machina para irrigação, para cujo fim só se terá a collocar na ponteira uma chapa metalica para obter o jacto d'agua em forma de leque.

Os dous varaes do estrado sobre o qual assenta uma caldeira permitem que dous homens apenas a possam transportar de um ponto para o outro sem o

menor esforço. Todo o material empregado na sua construcção é igual em qualidade e perfeição ao das machinas mais superiores d'este mesmo auctor, tão premeado e louvado nos principaes certamens europeus e da America.

O systema e disposição do machinismo do corpo da bomba em nada differe tão pouco, havendo apenas a differença proporcional de calibre entre esta machina e as de maior força e preço.

O diametro dos cylindros é de 59 mjm e o consumo da agua por minuto de 55 litros, por uma ponteira com boecal de 7 mjm, attingindo o jacto a distancia de 19,25 metros.

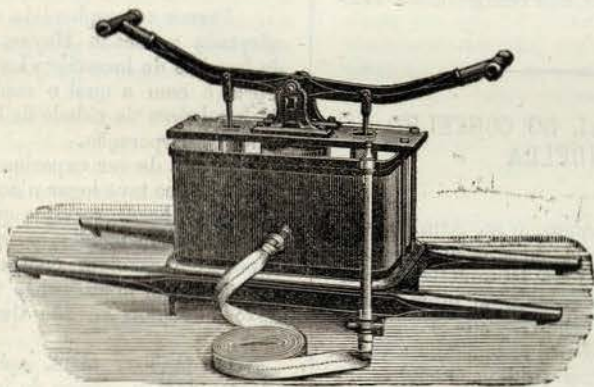
Com esta machina é fornecida uma mangueira da melhor lona de 7 metros de comprido com a competente agulheta de metal.

Não é verdadeiramente uma machina para companhias de bombeiros, mas é com certeza uma machina indispensavel para fabricas, hospitais, theatros, recolhimentos, armazens, depositos de fazendas, casas particulares, e outros quaesquer estabelecimentos importantes, que possam estar sujeitos

às eventualidades e estragos causados pelo fogo.

Por muito cuidado que haja e muitas cautellas que se empreguem, ninguem pode evitar que o visinho seja desleixado e que o incendio que alli começou venha tambem ameaçar-nos.

É forçoso pois adoptarmos todas as medidas preventivas e protectoras; e machina nenhuma, como esta, pôde em conformidade com o seu diminuto preço, preencher melhor tal fim e nós cumprimos portanto um dever recommendando-a.



## Os toques de incendio

Por mais que se clame, por mais que se peça, por muita razão que nos assista e comquanto seja de urgente e imprescindível necessidade, regular quanto possível o toque de alarme nas torres, indicativo de incendio, n'esta ou n'aquella circumscripção, não foi ainda possível conseguir-se que este serviço melhorasse um atomo sequer.

A razão é simples. Aquelle que commette o delicto está certo da impunidade, porque nem ao menos se indaga a causa do engano, quanto mais a promoção de castigo.

Raro é o incendio em que não haja diversidade de toques, causando grave prejuizo, transtorno e sobresalto a muitas pessoas, e nem por isso se castiga o delinquente severamente para servir de exemplo aos outros e haver mais escrupulo na maneira de fazer o serviço.

A não tentarem isto a sério, como merece, então melhor seria supprimirem os toques nas torres completamente.

Nós, com franqueza, já nos vamos cansando de vêr que ha pouca actividade da parte de quem compete para remediar este e outros males, e lamentamos devéras que assim seja, porque havia muito a esperar da inspecção geral dos incendios, tendo, como tem, á sua frente pessoa tão illustrada.

Mantem a disciplina e a ordem no local do incendio, é verdade. Já não é pouco, mas tambem, francamente, não é bastante e nós bem quizeramos que a sua illustração e intelligencia produzisse alguma coisa mais do que aquillo.

Tem condições para muito mais e a importancia do serviço que lhe está confiado, merece dedicação em muito maior escala, para que não retroceda aos antigos tempos.

### CAMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE MIRANDELLA

Como em tempo noticiamos, o sr. Arminio von Doellinger, segundo patrão da corporação dos Bombeiros voluntarios do Porto, foi a Mirandella instruir nas diferentes manobras a corporação ultimamente alli organizada. Da maneira como aquelle sr. desempenhou a sua missão dá evidente testemunho a copia da acta que abaixo publicamos e que o municipio de Mirandella acaba de enviar á Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade:

*Copia.*—Acta da sessão da camara municipal do concelho de Mirandella de 10 de maio de 1883. Logar respectivo. A Camara Municipal de Mirandella tendo feito acquisição d'uma bomba d'incendios por ser reconhecido que era uma necessidade instante e urgente para esta villa, e um melhoramento absolutamente indispensavel para a conservação das suas construcções urbanas, louva os patriotas e benemeritos cidadãos, que voluntariamente se prestaram a fazer o serviço para a extincção de incendios, e deliberou encarregar o commandante dos bombeiros voluntarios de transmittir aos seus subordinados o seu voto de louvor e a manifestação do seu agradecimento.

Não pôde nem deve esquecer n'esta occasião o acto brioso e altamente humanitario do ex.<sup>mo</sup> sr. Arminio von Doellinger, membro da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, o qual generosa e cavalheirosamente se prestou a vir a esta villa instruir os voluntarios. Os resultados d'essa instrucção foram taes, foi tal a aptidão e engenho com que aquelle cavalheiro se desempenhou da sua nobre missão, que no incendio que ultimamente teve logar n'esta villa, os bombeiros voluntarios revelaram dotes de velhos e experimentados luctadores contra o terrivel inimigo.

Todas as operações foram feitas com presteza e sinceridade; é a melhor prova, o documento mais irrefragavel e irrespondivel de que o ex.<sup>mo</sup> sr. von Doellinger é um bizarro humanista, e ao mesmo tempo competentissimo para dirigir os trabalhos de instrucção de bombeiros. Honra ao benemerito! A camara deliberou pois enviar a copia d'esta acta ao ex.<sup>mo</sup> commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, rogando-lhe que transmitta em seu nome e dos seus municipios ao ex.<sup>mo</sup> sr. Arminio von Doellinger o profundo sentimento de sua gratidão immorredoura e a elevada consideração pelos seus dotes de cavalheiro distincto. —Assignados no fim da acta o presidente da camara e vereadores Pavão, Nogueira, Bragança e Araujo Leite.—Está conforme.

Mirandella, 13 de maio de 1883.

O escrivão da Camara,  
João Baptista Casimiro.

## A escada Hayes

Parece ser esplendida e digna de ser geralmente adoptada a escada Hayes, fabricada pela companhia de bombas de incendio «La France» de Elmira, Nova York, e com a qual o capitão Shaw, chefe do corpo de bombeiros da cidade de Londres, dotou ultimamente a sua corporação.

Acaba de ser experimentada no grande incendio que ha pouco teve logar n'aquella cidade, no qual prestou os melhores serviços que eram para desejar n'aquellas circumstancias, porque facultou aos bombeiros o poderem dominar com as agulhetas o edificio em chammas, em muito pouco tempo, o que não teria por certo succedido se não tivessem feito uso d'esta escada.

Os inglezes téem, até agora, sido rebeldes em adoptar para o serviço de incendios, qualquer apparelho ou bomba, que não seja de sua invenção, muito embora a sua superioridade seja universalmente reconhecida; mas segundo vemos agora o capitão Shaw parece resolvido a mudar de rotina, introduzindo no serviço de incendios a seu cargo, aquelles apparelhos que são de reconhecida utilidade e proveito, pondo de parte o orgulho que até agora os tem feito trilhar um caminho errado.

E' de crêr, portanto, que ainda ali vejamos tambem em uso as escadas à *crochets*, que tão vantajosas são para facilitarem o ingresso nos predios pelas janellas e que pela sua leveza e construcção facilmente são manejadas por um homem apenas.

## Protecção dos theatros

Segundo lemos em um jornal de Berlim, deprende-se que os pannos metallicos não offerecem grande segurança contra fogo, como bem claramente acaba de ser patenteado, por occasião do incendio no theatro Nacional d'aquella capital.

O calor fizera estalar as paredes, aliás bem solidamente construidas e as corretãs cederam por consequencia, arrastando comsigo o panno de bocca, que fez grandes destroços.

Attribue-se a origem do fogo a faúlhas sahidas de uma chaminé que se introduziram no forro do telhado por uma janella das aguas-furtadas que ficára aberta por causa da boa ventilação do edificio.

Sirva a noticia d'este pavoroso incendio, de aviso ás emprezas theatraes para que sejam o mais cautelosas possivel, porque o mais pequeno descuido póde de um instante para outro, ser origem de grande calamidade.

É prevenir antes que o mal nos visite.

## Grande incendio em Lisboa

Com a devida venia transcrevemos do nosso excellente collega da capital *O Diario de Noticias* a minuciosa descripção do incendio ultimamente occorrido ao Beato, em Lisboa.

Da grande propriedade de dois andares e aguas-furtadas sita na rua Direita do Assucar, ao Beato, entre a fabrica de moagens do sr. João de Brito e o palacio da Mitra, só hoje restam as quatro empenas e alguns bocados das paredes interiores que formavam as divisões da casa, descarnados, denegridos e prestes a desabar de todo.

Passára-se ali, na noite de 14 para 15 do corrente, um d'esses espectaculos terriveis, que quanto maior é a sua imponencia mais apavora e commove.

O predio era isolado, de construcção antiquissima; tendo cinco janellas de frente cada andar; duas portas, uma que tem o n.º 28, dando para um vasto armazem, que estava despejado, e a outra, que dava entrada para um pateo, por onde era a serventia do predio, que para a parte de traz tem apenas um andar e aguas furtadas, pela elevação do terreno.

Foi ali, na escada que seguia para os andares, que o fogo appareceu, das 11 horas para a meia noite.

José Severiano da Silva, conhecido mais por José Lobo, um rapaz forte, bem parecido, e com uma alma bem formada, ficava todas as noites n'um quarto sobre a cosinha do 2.º andar, do lado direito, tendo para este pavimento serventia por um alçapão. Accordou, por acaso, a essa hora, e percebendo um cheiro bastante sensível a madeira queimada, levantou-se, correu á pequena janella, que dava para o pateo e então deparou-se-lhe já um quadro assustador.

Extensas linguas de fogo saiam da escada, atravessavam o pequeno pateo e estavam já apoderando-se de um outro predio, mais pequeno, que ficava contiguo.

Severiano da Silva, que devia tornar-se um verdadeiro heroe n'esta catastrophe, gritou para accordar todos os moradores dos dois predios, correu em seguida a uma outra janella do 2.º andar a proceder da mesma fôrma; chamava as familias pelos seus nomes dizia-lhes que fugissem, pedia soccorro, enrouquecia no meio d'aquelle louvavel trabalho; o perigo ameaçava-o a elle já tambem, mas o bom do rapaz parecia pouco se importar comsigo o que queria era que todos os mais que estavam em risco se salvassem.

E durante esse tempo, o incendio, que havia principiado não se sabe como no lance da escada entre o 1.º e 2.º andares, lavrava com incrível rapidez a apoderar-se de toda a propriedade, servindo-lhe de pasto portas e caixilhos, solhos e forros, que tudo era já muito velho, e juntamente as mobílias de todos os andares, das quaes nada se póde salvar.

### *Familias salvas com risco de vida*

Severiano da Silva, tendo descido ao 2.º andar, e depois de ter despertado das janellas os moradores de toda a propriedade, foi aos quartos d'esse pavimento, onde habitava uma familia composta de mulher, marido e sogra, que encontrou ainda despídos e n'uma naturalissima afflicção, porque já o fumo os suffocava e viam o fogo já muito proximo, e com o auxilio de um cobertor, fez descer da janella para o pateo essas tres pessoas; primeiro, Francisco Hilario, que, como o cobertor não dava toda a altura da janella ao chão, teve de se deixar cair sobre uma barraca de madeira, ferindo-se; Maria Luiza, mulher d'este, que desceu pelo mesmo processo, sendo aparada pelo marido, e em seguida a sogra, Thomazia Rita, que é uma senhora de cincoenta e oito annos, tendo então o Severiano já accrescentado ao cobertor um bocado de corda que lhe atiraram de baixo, o que fez com que a queda d'esta terceira pessoa não fosse tão arriscada.

Um tal trabalho, nas circumstancias perigosissimas em que foi praticado por esse individuo de tão apreciavel coração, teve um applauso justissimo de todas as pessoas que de fóra o presenciaram, e algumas d'ellas depois quizeram abraçar o corajoso rapaz.

Na occasião em que a senhora de 58 annos se preparava para descer, o fogo havia já entrado no mesmo quarto e Severiano era martyrisado pelo calor nas costas, e na cara queimado pelo fogo que ali chegava das outras janellas. Mas elle, só depois de vêr salvas as tres pessoas é que pensou em si, e a mesma corda com que pôz os outros a salvo atou-a ás ferragens das portas da janella e desceu então tambem ao pateo.

Todos os mais moradores, apenas foram despertados procuraram fugir, uns pelas portas da trazeira do predio e outros pelas janellas que davam para a quinta e para o pateo, descendo com o auxilio de cobertores, com uma pequena escada de mão e alguns até precipitando-se, sem apoio algum e com uma temeridade cega e irreflectida.

Das janellas do 2.º andar, do lado direito, desceram Henrique Batalha, sua mulher e dois filhos menores, e Antonio Thiago da Silva, sua mulher e tambem dois filhos; todos mais ou menos ficaram magoados.

Na agua-furtada, do lado direito, morava o operario tanoceiro Antonio Leite, com sua mulher Anna Maria e Manoel Lourenço, seu irmão.

Os tres, despídos, fugiram para a beira do telhado da parte de traz, e de ali pediam soccorro, muito

affictos, porque viam avançar para si horriavelmente ameaçadoras, as compridas labaredas.

Ao local do sinistro não tinham ainda chegado os socorros, e esses três infelizes perseguidos, pelas chammas que em breve formaram em todo o predio um enorme vulcão, tomaram o expediente de se precipitar d'aquella altura para o pateo, sobre um pequeno telheiro. Antonio Leite estava já queimado n'uma perna e na queda ficou muito contuso; sua mulher, que, havia apenas quatro dias tivera um filho, ficou tambem bastante magoada e o irmão muito ferido no peito.

N'um quarto, proximo da agua-furtada, habitava o operario José Carvalho, que, já bastante queimado no rosto, e nu, correu ao telhado e precipitou-se igualmente.

No lado esquerdo da agua-furtada morava Manoel Leite e sua mulher Maria Soares, que poderam ser salvos para a quinta.

Uns quartos do 2.º andar, para o lado de traz, eram habitados por Felisarda Augusta e dois filhos; poderam tambem fugir para a quinta.

No 1.º andar havia do lado direito uma fabrica de roilhas de cortiça, pertencente ao sr. Romão Serra Lopes, que ali vivia com sua mulher, Maria do Rosario Myra, um cunhado João Serra Lopes, mãe e uma irmã d'estes, e sete operarios. Todos fugiram para o pateo. O lado esquerdo estava deshabitado.

No pequeno predio que ligava com aquelle, morava João Augusto, pedreiro, viuvo, e cinco filhos menores; salvaram-se com custo.

Todos os moradores perderam completamente os seus haveres e tiveram de ser soccorridos por varias familias ds sitio, que os recolheram em suas casas.

O sr. dr. Xavier da Fonseca Junior, que, para ali seguiu com o pessoal de bombeiros e machinas, fez os curativos aos feridos; sendo mais tarde recolhidos ao hospital de S. José, transportados n'um trem. Antonio Leite, que ficou em a enfermaria de Santo Amaro, cama n.º 9, e Anna Maria, que ficou em a enfermaria de Santa Joanna, cama extraordinaria.

O medico da localidade que foi uma das primeiras pessoas que ali acudiu, prestou igualmente os seus serviços aos feridos.

A pharmacia Pina, abriu a essa hora da noite e prestou medicamentos gratuitos.

Do sitio acudiu a bomba da fabrica do sr. João de Brito, que trabalhou com o seu pessoal; e de Lisboa estiveram ali até ás seis horas da manhã as machinas n.ºs 14, 15, 36 e 21. Quando retirou o pessoal e material de Lisboa, appareceram tambem no local os voluntarios dos Olivaez.

O arrendatario da propriedade, sr. José Monteiro Guimarães, prestou socorros ás familias que moravam na casa e que tudo perderam.

No seguro está apenas a fabrica de roilhas com a competente mobilia, em 900\$000 rs. na companhia *Providencia*, a mobilia do 2.º andar, do sr. Batalha, em 400\$000 réis, na mesma companhia, e o predio, na companhia *Fidelidade*.

Foram dois bombeiros municipaes que as dez horas da manhã, não tendo ainda apparecido a auctoridade respectiva, tomaram o expediente de conduzir em trem ao hospital os dois feridos mais perigosos, que se conservaram até essa hora sobre uma enxerga em casa de um visinho, ao fim da quinta. Já de noite o sr. dr. Fonseca havia mostrado vontade que os dois doctes seguissem para o hospital.

Os serviços prestados n'esse lamentavel desastre

são verdadeiramente dignos do maior louvor, tornando-se, todavia, notavel, os admiraveis rasgos de abnegação heroica, praticados por José Severiano da Silva, a quem os poderes competentes, por certo, louvarão.

## Club Gymnastico Portuense

Realizou-se no dia 2 do corrente a inauguração do Club Gymnastico Portuense, na rua do Sá da Bandeira.

A casa onde está estabelecido é ampla e sobre maneira apropriada para uma aggremação como esta.

O primeiro pavimento, rasgado a todo o comprimento da casa, é destinado á escola de gymnastica. Pelas suas dimensões, luz e ventilação abundantes, preencherá satisfactoriamente os fins que se tem em vista, ficando um espaço ainda amplissimo, depois de installados nos respectivos logares osapparelhos de gymnastica, para os exercicios na barra fixa, parallelas, argolas volantes, escada, trapezios, etc.

O segundo pavimento possui um salão na frente destinado a recepção, concertos e jogos. Tem uma mobilia de elegante simplicidade, leve, muito moderna. O soalho é revestido de uma alcatifa.

Em seguida ao salão corre a sala do bilhar, a qual tem as paredes alegradas com pinturas ligeiras. N'esta sala ha dous bilihares para recreio dos socios.

A sala que se segue destina-se a gabinete de leitura, mas a escola de gymnastica esta n'ella estabelecida provisoriamente, emquanto se não concluem as obras do primeiro pavimento. N'essa sala, que foi onde se executaram diversos exercicios, vêem-se todos os utensilios de gymnastica, de esgrima e de tiro: panoplias com as indispensaveis espadas e floretes, luvas de resguardo e mascaras; pistolas, revolvers, espinguardas e até um pequeno canhão; escadas, parallelas, trapezios, barras fixas, enfim, tudo quanto se torna necessario e é indispensavel n'um gymnasio.

Relatemos agora a festa da inauguração.

Abriu ella com o concerto executando-se em primeiro logar pela orchestra, sob a regencia do professor o sr. Cyriaco de Cardoso, uma *sérénade*, de Haydn. A interpretação d'este bellissimo trecho foi muito apreciada, sendo por isso applaudidas as pessoas a quem ella estava confiada e que eram, entre outros, os seguintes srs.:

Miguel Alves, Filippe do Sacramento, Eugenio Pastor, Eduardo Augusto da Costa Oliveira, Antonio Maria da Costa Oliveira, Suggia, Flavio Pereira da Costa e João Cardoso.

O sólo de trompa executado pelo sr. Flavio Pereira da Costa, acompanhado ao piano pelo professor o sr. Augusto Villaça, discipulo distincto do mallegrado Carlos Dubini, obteve excellentes desempenhos, recebendo os dous executantes a justa consagração dos seus meritos artisticos.

O sr. Soares de Meirelles cantou uma romanza da opera «Herodiade», de Massenet. Ao piano esteve o sr. Ernesto Maia. Foram igualmente muito applaudidos.

Onde, porém, os applausos se concentraram n'uma ovação estrondosa, entusiastica, foi no sólo de violino eximamente executado pelo sr. Marques Pin-

to. Ao piano esteve igualmente o sr. Ernesto Maia.

Nos exercícios que seguidamente se realizaram, tomou parte em primeiro lugar o sr. Paulo Lauret, trabalhando na barra fixa com a destreza que lhe é peculiar; o sr. Oliveira e Silva apresentou apreciáveis trabalhos nas argolas volantes, e o sr. Paulo Lauret nas paralelas, e, finalmente, o sr. Antonio Luiz da Silva, nas argolas.

Estes tres gymnastas receberam numerosos applausos.

O concerto continuou ainda, executando o sr. Marques Pinto as «Variations burlesques», de Vieuxtemps e o sr. Suggia, no violoncello, «Bianca», de C. Cazella.

A comissão iniciadora do Club que por todos os modos procurou obsequiar os seus convidados, offereceu lhes um delicado e profuso serviço.

Agradecendo a honra do convite com que fomos distinguidos, fazemos votos para que o *Club Gymnastico Portuense* prospere e se engrandeça, esperança que veremos realisada porque muito ha a esperar da entusiastica iniciativa dos seus fundadores.

## INCENDIOS NO PORTO

1882

(Continuado do n.º 2 do 7.º anno).

4 de outubro.—A's 10 horas da noite. Suspeita de incendio na rua de Germaide n.º 19 e 20. Predio de um andar de que era proprietario João d'Almeida Chaves e inquilino José de Mello, com casa de pasto. Tinha seguro na *Segurança*.

As torres não deram signal. Motivou o alarme a sentinella da casa da guarda da rua do Paraíso que viu sahir d'uma chaminé muito fumo e labaredas.

No local apenas compareceu a machina dos voluntarios.

7 de novembro.—A' 1 h 14 horas da madrugada. Rua da Torrinha n.º 71. Predio terreo de que é proprietario Joaquim Alves da Silva e inquilino Manoel Antonio Pereira Conceição, que ali tinha estabelecida uma padaria. O predio tinha seguro na companhia *Indemnizadora* e a padaria na *Lyon*. Motivou o incendio as faúlhas do forno que cahiram n'uma porção de chaminé. Os prejuizos calculam-se em 750\$000 réis na padaria e 1.000\$000 réis no predio. Compareceu em primeiro lugar a machina municipal n.º 3 seguindo-se a machina e carro dos bombeiros voluntarios sendo aquellas duas as que trabalharam na extincção. Os trabalhos concluíram ás 4 horas e um quarto da madrugada.

O incendio communicou-se, ao predio n.º 73 que não tinha seguro e que era habitado por Antonio Mendes de Carvalho, causando ali prejuizos em cerca de 100\$000 réis.

A machina dos bombeiros voluntarios trabalhou com duas agulhetas.

7 de novembro.—A's 4 horas e um quarto da madrugada. Principio de incendio. Rua do Barros Lima n.º 263. Casa terrea de que era proprietario Joaquim Ferreira Vasques, occupada por João Rodrigues dos Santos. Segura na Bonança. Deu causa ao sinistro o lume mal apagado, ficando apenas damnificando um fogão de madeira, sendo os prejuizos insignificantes. A primeira machina que compareceu foi a municipal n.º 7, seguindo-se-lhe o carro dos bombeiros voluntarios. A' hora em que se deu este sinistro retiravam as bombas do incendio da rua da Torrinha.

11 de novembro.—A's 6 horas da tarde. Quinta do Freixo, em Campanhã. Fabrica de destillação d'aguardente de que era proprietario Gustavo Nicolau Alexandre Peters. A fabrica que ficou completamente destruida tinha seguro em 87.500\$000 rs. nas companhias *Le Lyon*, *Bonança*, *Garantia*, *Segurança*, *Fénix* e *Northern*. Deu causa ao incendio a explosão d'um alambique. Os prejuizos calculam-se em 75.000\$000 réis. Compareceram em primeiro lugar as machinas municipais n.º 7 e 6, trabalhando na extincção a municipal n.º 7, a dos bombeiros voluntarios e os carros de escadas dos bombeiros voluntarios e municipal n.º 8. Os trabalhos foram dados por terminados á 1 hora da madrugada. A explosão do alambique que deu causa

ao incendio arremessou a distancia o sr. Peters que estava proximo quando o sinistro se deu.

15 de novembro.—A's 2 horas e tres quartos da madrugada. Afurada de Baixo. Predio de um andar pertencente a Antonia Thereza, sapateira, que o occupava. Não tinha seguro. Deu causa ao incendio que destruiu a casa e os moveis a luz d'um santuario. As primeiras machinas que compareceram foram as municipais de Villa Nova de Gaya, n.º 1 e do Porto n.º 4. Extinguiu o incendio a bomba d'um particular, o sr. Angelo da Silva Macedo. Quando a machina dos bombeiros voluntarios retirava para o seu quartel, foi o cocheiro cuspidor fóra da alfomada em consequencia do mau estado do caminho ficando sentado na concha. Tomaram então os cavallos o freio nos dentes e partindo á desfilada precipitaram-se no rio com a machina e o cocheiro que foi salvo pelos voluntarios que seguiam a machina de perto o que conseguiram não sem custo, risco e grande fadiga. O cocheiro deveu a sua salvação ao ter-se agarrado á cabeça do cavallo da mão que com a ajuda d'alguns barqueiros se conseguiu salvar, o que foi impossivel quanto ao da sella.

15 de novembro.—A's 10 horas da manhã. Rua do Wellesley n.º 56. Predio de dous andares, propriedade de Melchior Solá e de que é inquilino João Cabral Paes com fabrica de lumes de cera. Tinha o seguro a companhia *Tranquillidade* Portuense. Deu causa ao incendio a explosão da massa phosphorica contida em uma caldeira o que causou prejuizos de pouco vulto. As machinas que primeiro compareceram foram a municipal n.º 6 e o carro dos bombeiros voluntarios. Parte da guarnição da machina dos voluntarios n.º 1 estava ainda em Villa Nova de Gaya tirando do rio a machina que ali havia cahido, a qual soffreu deteriorações no valor de cerca de 300\$000 réis. Para fazer serviço enquanto se procedia aos necessarios reparos, veio da Foz a machina n.º 2 com a respectiva guarnição de serventes.

19 de novembro.—A's 5 horas e um quarto da tarde. Rua da Biquinha n.º 11. Predio de quatro andares, propriedade de Antonio da Fonseca Moura. Principio de incendio que se declarou no 2.º andar que era occupado pela guarda civil Domingos Rodrigues. Ignora-se o que deu causa ao sinistro que fez insignificantes prejuizos que se calculam em 4\$500 réis, ficando damnificados apenas um bahu e alguma roupa. As primeiras bombas que compareceram foram as municipais n.º 4 e 2. O aviso d'este incendio foi dado á estação dos bombeiros voluntarios pela estação de chamada da companhia *Telephonica*, na Praça de D. Pedro.

27 de novembro.—A's 10 horas da noite. Rua de Santa Catharina n.º 964. O incendio declarou-se n'um palheiro onde se arreadavam algumas alfaias de lavoura no campo que pertencia a José Francisco Barreira e de que era inquilino Miguel Fragozo Pereira. Não havia seguro. Ignora-se o que deu causa ao incendio. Os prejuizos calculam-se em cerca de 50\$000 réis. As primeiras machinas que compareceram foram as municipais n.º 3 e 8 que trabalharam na extincção cujos trabalhos foram dados por terminados ás 10 horas e meia da noite.

28 de novembro.—A' meia noite. Rebate falso. Rua de Santo Antonio n.º 12 e 12 A. Predio de um andar, propriedade de D. Anna Garcia, occupada por Joaquim Antonio Pinto Barrote, com estabelecimento de ourivesaria, seguro em diversas companhias. Motivou o alarme o muito fumo que sahia por uma janella. As machinas que primeiro compareceram foram a n.º 2 dos bombeiros voluntarios e o respectivo carro de ferromentos. As torres não deram signal.

29 de novembro.—A' 1 hora e meia da madrugada. Rebate falso para a rua de S. Nicolau. Ignora-se o que deu causa aos toques nas torres.

3 de dezembro.—A's 2 horas e tres quartos da madrugada. Predio de um andar na rua do Heroismo n.º 157. Propriedade de Leonardo Torres, occupada por Nicolau Pereira de Castro Gnimarães, que ali tem estabelecida uma padaria. O predio tinha seguro na *Segurança* e a padaria na *Lealdade*. Deu causa ao incendio, que a gente da casa extinguiu, o lume do forno que se communicou a uns pannos. As primeiras machinas que compareceram foram as municipais n.º 7 e 6.

6 de dezembro.—A's 6 horas e 45 minutos da manhã. Predio em construcção de dous andares na Viella das Pombas, de que é proprietario José Venancio Ferraz. O sinistro que fez prejuizos em cerca de 20\$000 réis, foi devido a descuido dos operarios que o conseguiram extinguir sem o concurso dos socorros publicos. Compareceram em primeiro lugar o carro de ferromentos dos bombeiros voluntarios n.º 1 e a machina n.º 1 da mesma associação.

7 de dezembro.—A's 6 horas da tarde. Esplanada do Castello (Foz do Douro). Casa terrea, de que era proprietario Custodio Teixeira Pinto Basto, tomada por diversos. A casa tinha

seguro, bem como um armazem de vinhos que n'ella estava estabelecido e que pertence a Lello Vieira. O incendio destruiu parte da casa no sitio onde havia um deposito de palha, occasionando um prejuizo de cerca de 300\$000 réis. Ignora-se a causa do sinistro. Compareceram em primeiro logar as machinas n.º 2 dos bombeiros voluntarios a n.º 10 municipal, sendo aquella e o carro municipal n.º 4 as que trabalharam na extincção. Houve em principio sensivel falta d'agua. Os trabalhos terminaram ás 8 horas e meia da noite.

10 de dezembro.—A's 2 horas e meia da manhã, Rua de Santo Ildefonso n.º 353. Predio de dous andares, de que é proprietario Antonio Alves de Souza e inquilino José Prevot, com casa de penhores. O predio tinha seguro na Segurança, occasionando o incendio o lume do fogão mal apagado que destruiu a chaminé e uma parte do soalho. Os prejuizos avaliam-se em 300\$ réis. As machinas que primeiro compareceram foram as municipals n.º 6 e o carro de ferramentas n.º 1 dos bombeiros voluntarios. Na extincção trabalhou-se com as ferramentas d'este carro e com os machados da bomba municipal n.º 6. Os trabalhos foram dados por terminados ás 3 horas e um quarto da madrugada.

(Continuar-se-ha).

## Varias noticias

O sr. Eduardo da Costa Santos, commandante dos bombeiros de Villa Nova de Gaya, recebeu de Londres o telegrama seguinte, em resposta á mensagem que dirigira ao nosso compatriota o major Luiz Quillinan.

«O major Luiz de Quillinan agradece e envia um abraço a todos os membros da companhia a seu muito digno cargo.—Londres, 8 de maio de 1883.»

—Em sessão municipal o sr. vereador Antunes Rebello fez uma proposta promovendo a primeiros patrões do corpo de bombeiros municipaes de Lisboa os segundos patrões: n.º 40, João Maria Silva; n.º 41, Ventura Durão; n.º 42, Casimiro Joaquim dos Santos.

A camara approvou esta proposta.

—Com a promoção dos tres segundos patrões a primeiros, promoção justissima, porque esses benemeritos contam já cerca de 22 annos de serviço exemplar, foram nomeados segundos patrões os aspirantes n.º 88, 89 e 91, Roque de S. Marcos, Antonio Pedro e Vicente Pereira.

—Os bombeiros voluntarios de Braga projectam fazer um bazar de prendas em beneficio do cofre da sua aggremação. O dia designado para a abertura é o dia 1 de julho proximo.

## Na Provincia

No dia 3 do corrente ás onze horas da noite manifestou-se incendio em um predio da rua de S. Victor, pertencente ao sr. Custodio José d'Araujo. Felizmente foi extinto com promptidão sem ser preciso o auxilio do pessoal de bombeiros. Os prejuizos foram calculados apenas em 50\$000 réis.

—No dia 8 do corrente deu-se na Regoa um incendio nas casas do sr. José Vaz Osorio.

Foi dominado e extinto pelos bombeiros voluntarios da localidade que prestaram bons serviços.

Deu causa ao sinistro a imprevidencia d'uma creada.

## Incendios no Japão

Eu um relatorio sobre a meteorologia de Fokio, de que é auctor o professor Mendenkallda Universidade d'aquella cidade, deparamos com algumas informações curiosas a respeito de incendios desde 1657.

Como a cidade é quasi toda composta de casas construidas só de madeira, acontece ser totalmente destruida pelas chammaas duas vezes em cada seculo, e parcialmente uma vez em cada sete annos nos pontos mais populosos.

Essas grandes conflagrações teem geralmente logar depois dos terramotos, que costumam dar-se no mez de março, mez de fortes ventanias, de fórma que as tabellas dos terramotos e furacões, estão quasi em paralelo com os dos incendios.

O emprego excessivo do petróleo tambem tem ultimamente contribuido para o augmento do numero do fogos.

Apesar de serem excessivamente baratas as construcções, os prejuizos annuaes causados pelo incendio orçam em 60:000 libras.

Os bombeiros, não obstante serem corajosos e habeis, trabalham sem methodo algum; e além d'isso, o material de que fazem uso, mais parece brinquedo de creanças, do que appparelhos adequados para combater tão terrivel inimigo.

A unica protecção rasoavel são umas paredes muito grossas para protegorem certas casas, paredes que são construidas com uma especie de terra argilosa.

## No estrangeiro

Manifestou-se um incendio imprevisto na fabrica de dynamite de Perraça, Asturias, (Hespanha). Esta desgraça causou muitas victimas e levou o luto a muitas familias. As perdas são incalculaveis e de muita consideração.

—No Ambigu, de Pariz, deu-se ultimamente uma explosão de gaz n'um camarim, ficando 20 pessoas feridas, sendo algumas de gravidade. O espectáculo suspendeu-se e os espectadores sahiram tranquilamente.

—Por um grande incendio que teve logar em Geisa, na Thuringia, no dia 28 do mez findo, foram destruidos 140 edificios, incluindo 67 habitações particulares, duas escolas, o presbyterio, e a casa do professor.

400 pessoas ficaram sem habitação.

—Rebentou um pavorosissimo incendio em Union City, (Indiana), Estados-Unidos. Os prejuizos passam de 250 contos de réis.

—No povoado de Silla, em Valencia, (Hespanha) houve um horroroso incendio que destruiu em menos de duas horas 45 habitações e mais de 50 barracas.

Felizmente, não ha a lamentar desgraças pessoas.

—Na tarde de 23 do passado manifestou-se violento incendio na casa n.º 68 da rua do Visconde de Inhauma, Rio de Janeiro, onde estava estabelecido

um armazem de secos e molhados pertencente a Guimarães, Irmão & C.<sup>a</sup>.

O fogo principiou no sobrado, e foi originado por explosão de uma garrafa de aguardente que estava sendo lacrada. A chamma communicou-se logo a outras garrafas e dentro de pouco tempo ao armazem, inutilizando completamente todo o predio e generos alli existentes. A casa contigua n.º 70, onde está estabelecido com armazem de café Tobias Laureano Figueira de Mello, soffreu varios estragos provenientes do trabalho da extinção. Este predio pertence a Antonio José Baptista Ferreira, e o do n.º 68 a João Antonio Marques, estando seguro em 10:000\$ réis na Companhia Argus e o negocio de secos e molhados em 25:000\$000 réis na mesma Companhia.

Foi retirado das chammias o cofre, com os livros da casa, titulos e cerca de 900\$000 réis.

Os prejuizos totaes d'este incendio são computados em 30:000\$000 réis.

Nos trabalhos de extinção ficaram feridos tres bombeiros.

**Guilherme Gomes Fernandes & C.<sup>a</sup>, com casa de comissões á rua do Sá da Bandeira n.º 116, 1.º andar, encarregam-se do fornecimento de bombas e mais appparelhos contra incendios, proprios para companhias de bombeiros, fabricas, estabelecimentos publicos e casas particulares e promptificam-se igualmente a mandar a qualquer localidade pessoa habilitada para ensinar o uso e manejo d'esses appparelhos.**

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

De Barcelona.  
*La voz de Cataluña*, periodico federal. N.º 35, 2.º anno.  
*La Gaceta de la industria y de las invenciones*. N.º 122 do 3.º anno.

*Revista de Estudos Psicologicos*. Periodico mensal. Anno 5.º — Abril de 1883.  
 De Lisboa.

*Moda Illustrada*. O n.º 106 que temos presente apresenta o seguinte summario:

Vestuario para casa.—Vestido azul e côr de palha.—Vestido de musselina Pompadour.—Bordado para vestido de verão.—Quatro guarnições para vestidos.—Tres bordados sobre tulle.—Tulle branco.—Duas calças enfeitadas.—Vestido para baile e soirée.—Vestuario para menina.—Vestido para visitas (frente e costas).—Trajo para menina.—Vestuario para senhora nova.—Vestido de velludo e faille.—Vestuario para menina.—Sete trajos para meninas de dois a dez annos.—Sete trajos para rapazes de seis a quatorze annos.—Bordado de vidrilhos.—Tulle bordado a vidrilhos.—Rosa para applicação.—Andorinha.—Duas tiras bordadas.—Guarnição de bordado Richelieu.—Tira bordada para bonet de homem e copa para o mesmo bonet.—Tira bordada.—Renda com bordados de applicação.—Ecran á mão.—Duas rendas de rede bordada.—Tres modelos de chapéus.—Vestido de damasco e rendas (frente e costas).—Vestuarios para casa.

*Supplementos*: Figurinos coloridos.—Folha de moldes e debúchós.—Passatempos.

*Artigos*: Correio da moda.—Ao fogão.—De relance.—Romance da moda.—Correspondencia da moda.—Livros novos.

Cada n.º da *Moda Illustrada*, consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, de uma folha de moldes e de um figurino colorido. Além d'isso dá minuciosas des-

crições de todos os figurinos sendo portanto muito superior aos jornaes francezes.

Assigna-se na empreza Horas Romanticas, rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa.

*Porfis Artisticos*. N.ºs 40, 41 e 42 publicando respectivamente nitidas photographias retratando Ricardo Wagner, Madame Favart, e E. Fernandes Arbós. Esta excellente publicação de que são proprietarios Netto & C.<sup>a</sup>, administrador José Lima Netto e collaborador artistico. [A. Solas, assigna-se na rua do Ouro n.º 267 e 269.

Do Porto.  
*A Mocidade d'hoje*. N.º 10 do 1.º anno. São redactores e proprietarios d'esta revista semanal scientifico-litteraria os srs. José Pinto de Queiroz Magalhães e José Carlos Ehrhardt.

*O Ze Povinho*. Periodico de que é redactor Braz Petiz. N.ºs 136 e 137 do 4.º anno.

*Julio Diniz*. Publicação de que são proprietarios os srs. Cruz, Irmão & Correa. N.º 62 e 63 do 2.º anno.

*A Vida Moderna*. Publicação illustrada. Folha de vulgarização scientifica e de conhecimentos uteis. N.º 17 e 18 do 3.º anno.

*O Camões*. Semanario popular illustrado. Apreciavel publicação. N.ºs 140, 141 e 142 do 4.º anno.

*O Sorvete*. Semanario humoristico e illustrado. Illustrações de Sebastião Sanhudo, texto de Antonio Cruz. N.ºs 260 e 261 do 6.º anno.

*A questão Roriz no Supremo Tribunal de Justiça*. Accordões respectivos, sustentação e impugnação dos mesmos. O presente opusculo é o primeiro d'uma série que sobre esta questão se vão publicar.

*O Camarim*. Semanario scientifico, litterario, humoristico e theatral, de que são redactores os srs. Aubry e Geraldo. N.º 19 do 1.º anno.

*Bibliographia Portugueza e Estrangeira*. De que é editor o sr. Ernesto Chardon. O n.º 5, do 4.º anno apresenta o seguinte summario:

*Camillo Castello Branco e o seu ultimo romance*, por José Caldas.—*A Brasileira de Prazins*, pelo V. de Benalcanfor e Antonio Osorio P. S. de Vasconcellos.—*Conferencias Pedagogicas*, por Nestor.—*Preceitos e fórmulas do tabelliado*, por M. de O. Chaves e Castro.—*Esboços do natural*, de J. Lourenço Pinto, pelo Visconde de Benalcanfor, Rodrigo Velloso e Simões Dias.—*Os ratos da inquisição e Os Brocas*, noticias de diferentes jornaes.—Bons livros para bibliothecas.—Publicações portuguezas e estrangeiras da Librairie Hachette & C.<sup>a</sup>, etc.

De Penafiel:  
*O Recreio*.—Revista semanal, scientifica, litteraria e noticiosa, de que é proprietario e redactor o sr. José Manuel Lopes da Silva, N.ºs 4 e 5 do 1.º anno.

De Villa Real:  
*A Juventude*.—Semanario incolor, noticioso e litterario. N.º 2, 1.º anno.

De Locomotiva.—Periodico dos Caminhos de Ferro. N.º 1, 1.º anno. Esta folha de que é proprietario e director o sr. Carlos de Faria tem como correspondentes litterarios, em Lisboa, o sr. Gervasio Lobato, no Porto, o sr. Luiz de Magalhães, em Coimbra o sr. Alexandre da Conceição e como collaboradores os nossos principaes homens de letras.

## O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

### A CHRONICA

(APPENSO AO BOMBEIRO PORTUGUEZ)

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

|                     |          |
|---------------------|----------|
| Trimestre . . . . . | 500 réis |
| Semestre . . . . .  | 15000 »  |
| Anno . . . . .      | 25000 »  |

(Estrangeiro)

|                         |          |
|-------------------------|----------|
| Trimestre . . . . .     | 600 réis |
| Semestre . . . . .      | 15200 »  |
| Anno . . . . .          | 25400 »  |
| Numero avulso . . . . . | 100 »    |

Redacção e administração rua do Mirante n.º 9.—Porto.

# FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

## JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

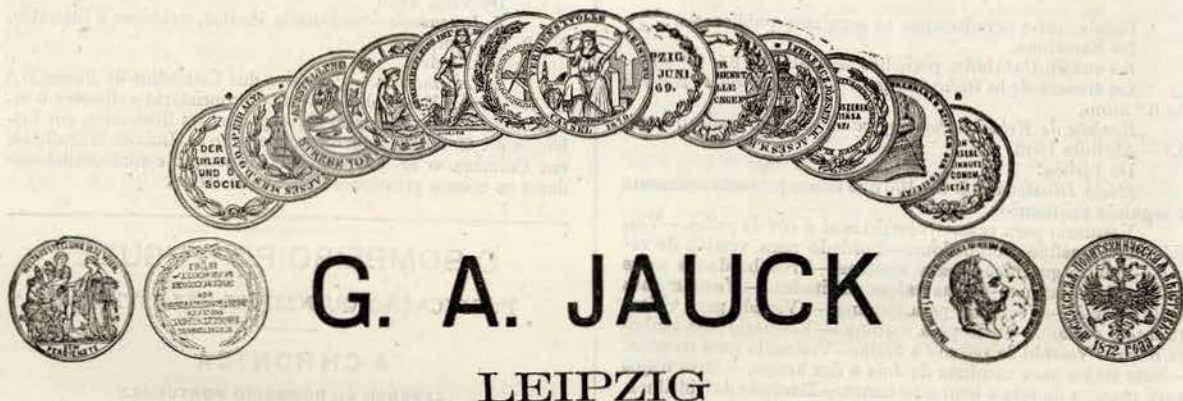
**CASA FUNDADA EM 1829**

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,  
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

**B. MARKERT & C.<sup>a</sup>—LISBOA**



## G. A. JAUCK

LEIPZIG

**FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIOS**

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.<sup>a</sup>, rua do Sá da Bandeira n.º 116 Porto.